

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS ACERCA DA FORMAÇÃO, CARACTERÍSTICAS, MISSÃO E INTERVENÇÃO DO TREINADOR DE BASQUETEBOL DE BASE NO BRASIL

MS. FELIPE CANAN
Curitiba, PR
felipe.canan@gmail.com

Introdução

Este trabalho é parte inicial de uma pesquisa documental, que se utiliza de materiais científicos, tais como livros, artigos, dissertações e teses, bem como, de materiais generalizados, como biografias, relatos, artigos jornalísticos, filmes, entre outros.

Tem como tema, a identificação das nuances que cercam o trabalho do profissional, denominado aqui, “treinador”, que se dedica a trabalhar com basquetebol e esportes coletivos em geral, no que diz respeito às categorias de base, ou formação esportiva

Sendo assim, este trabalho tem como objetivo identificar quem é o treinador de basquetebol de base, qual sua missão, o que e por que este deve ensinar, e qual sua relevância social.

Identificação do cenário

Primeiramente, uma breve análise do cenário em que este profissional atua, deve ser realizada. Entende-se por esporte de base ou formativo, aquele em que a prática esportiva é realizada por uma população infanto-juvenil, sob a supervisão/ensino de um profissional devidamente capacitado, com objetivos de formação esportiva ou através do esporte.

Como afirma Oliveira (2004), o cenário do basquetebol no Brasil, está defasado em relação ao cenário mundial e até mesmo em relação a outras modalidades esportivas no Brasil, em termos de resultados e representatividade social. Tal fato se deve a um contínuo descaso e abandono de princípios norteadores de entendimentos, intervenções e políticas de democratização e/ou massificação do basquetebol, principalmente no tocante às suas categorias de base.

Este cenário caracteriza um campo social específico, dotado de regras e peculiaridades, de uma relação entre oferta e demanda de produtos e serviços esportivos e com cadeias de interrelações bem definidas, entre instituições e agentes relacionados de alguma maneira ao basquetebol de base. Estas interrelações caracterizam um subcampo do que Bourdieu (1983), denomina “campo esportivo”.

Dentro deste, existe uma série de contradições sobre qual é o real papel do treinador, no tocante ao processo de ensino-aprendizagem. Estas contradições dizem respeito à visão que a sociedade e a própria classe acadêmica e profissional tem do trabalho de formação esportiva, que pode ser entendido com um caráter esportivista, pedagógico, ou de reprodução de um sistema capitalista e, portanto, maléfico à sociedade, em vista à necessidade de especialização, competição e busca pelo rendimento (BRACHT, 2002; LINHALES, 2001).

Sobre estas afirmações, é importante se considerar que o caráter mais esportivista, entende o esporte como fim, mas ainda assim pode, através do esporte, trabalhar aspectos mais gerais da formação social dos praticantes; o caráter pedagógico entende o esporte como meio para uma formação social mais abrangente, mas não deixa de relevar e trabalhar objetivos esportivos.

Além disso, conceitos como formalizada, especialização, competição, são comuns à sociedade como um todo, não exclusivos do esporte e não necessariamente ruins. Pelo contrário, são pertinentes ao desenvolvimento humano.

Sendo assim percebe-se que o esporte é um campo social historicamente constituído e a relevância social do esporte de base é muitas vezes colocada em dúvida, não por si só, mas sim, pela atuação dos profissionais.

Baseando-se em conceitos como os trabalhados por Adelino (2002), Bernardinho (2007), Böhme (2002), Campos (2004), Daiuto (1981), Oliveira (2004), Paes (2009), entre outros, entende-se neste trabalho, que a formação esportiva tem extrema relevância social, tanto para preparação efetivamente esportiva e geração de atletas de alto nível, quanto para formação social, uma vez que o esporte pode ser utilizado como ferramenta incomparável de educação e sociabilização humanas. Sendo assim, a discussão não é se o trabalho de formação esportiva está certo ou não, mas sim, o porquê e o quê efetivamente deve ser feito.

Como afirma Campos (2004, p. 97), referindo-se à competição, mas ilustrando o cenário esportivo de base de uma maneira geral, "(...) não é a competição em si que é maléfica ao estado emocional da criança, mas sim a importância que os pais, técnicos e professores colocam em cada evento".

Formação profissional

"A maior parte dos países onde se pratica desporto tem programas bem organizados para a educação de treinadores, patrocinados quer por ministérios do desporto, quer por organizações governamentais (...)" (JEFFRIES, 1987, p. 3).

No entanto, no Brasil, em relação ao basquetebol, não existe um sistema ou programa específicos para a formação deste profissional. A máxima sistematização para o cidadão poder atuar nesta profissão, é a exigência do Conselho Federal de Educação Física (CONFEF) e dos Conselhos Regionais de Educação Física (CREF's), de o profissional ser graduado em Educação Física ou provisionado para trabalhar com basquetebol (CONFEF, 2010).

Como se dará está formação, na prática, depende das grades curriculares acadêmicas e da exigência imposta pelas mesmas e/ou pelos professores que lecionarão disciplinas relacionadas à formação esportiva geral e/ou específica de cada modalidade esportiva.

Além disso, a Confederação Brasileira de Basketball, no ano de 2010, criou a Escola Nacional de Treinadores de Basquetebol, com o objetivo de capacitar os profissionais para desenvolverem trabalhos acerca do basquetebol em diferentes faixas etárias. No entanto, tal programa ainda está iniciando, não existindo qualquer obrigatoriedade de participação para atuação com o basquetebol. É ainda mais um ideal, do que uma realidade (CBB, 2010).

Mesmo que as ações citadas estejam caminhando em função de uma melhoria e reconhecimento deste profissional específico, a formação do mesmo ainda é muito generalizada, não segue uma linha comum e permite a atuação de profissionais mais ou menos preparados para tal. Percebe-se ainda, um caráter muito amador na formação, atuação e reconhecimento social deste profissional.

Perfil e características encontradas e/ou necessárias ao treinador

Ainda que se exija uma formação superior para o cidadão trabalhar com basquetebol e esporte de base em geral, ser treinador no Brasil, significa ser um abnegado, comprometido dioturnamente e realmente interessado nas responsabilidades geradas pelo e para o processo, dando mais valor à experiência social do dia-a-dia e menos às vitórias, derrotas, medalhas ou sucesso (BERNARDINHO, 2007; DAIUTO, 1981; GALEGO, 2009).

Assim, ser treinador no Brasil, é desenvolver um trabalho por paixão absoluta, sem um real reconhecimento social, e sem uma recompensa financeira pertinente com sua dedicação, função e ação sócio-educativa de formação.

O problema em discussão não é o fato de o treinador ser um abnegado ou abrir mão de outras coisas - até porque se o faz, é porque encontra na sua atuação, algum tipo de

recompensa que o agrada e o faz continuar nesta área -, mas sim, justamente o fato de ter pouco reconhecimento, tanto social quanto financeiro para poder se dedicar à sua função.

Até porque, juntamente a esta abnegação e entrega, percebe-se que para um adequado processo de formação de um treinador esportivo de base, é necessário ter um corpo de conhecimentos teóricos, além de constante atualização, tanto em aspectos técnico-táticos, quanto em questões de crescimento e desenvolvimento humanos (PACHECO, 2010).

Além disso, ainda que o treinador necessite de empenho teórico e presença prática, deve-se considerar que, quando se fala em treinador de categorias de base no Brasil, não são apenas os fatores diretamente envolvidos no processo de ensino-aprendizagem que interferem na atuação profissional, pois são exceção, as instituições que oferecem devido respaldo material ou profissional para o treinador.

Comumente, o treinador acaba sendo um “faz-tudo” dentro da equipe, sendo responsável não só pela formação e trabalho esportivo-educativo propriamente dito, mas sim, por todas as questões que envolvem a equipe, tanto no momento presente, quanto no planejamento de situações futuras (DAIUTO, 1981).

Tais situações podem ser provocadoras de um maior estresse no treinador, que pode ser repassado aos praticantes, dificultando o processo de ensino-aprendizagem. O profissional, assim, deve ao máximo, tentar entender a situação em que está inserido, saber controlar as emoções e problemas, bem como, entender que a execução da sua função/profissão, correta ou incorretamente, perpassa pelas questões citadas acima (KEMP, 2000).

Afinal, aquém de situações externas, o treinador, pelo trabalho específico de ensino-aprendizagem e competição por si só, já se depara com alguns problemas ou reações emocionais, desencadeantes de situações de estresse (DAIUTO, 1981).

Ainda que no basquetebol e no esporte de base geral, a competição não deva ser interpretada e/ou encarada como fim principal do processo, é fator inerente à prática esportiva. Para o treinador, a esse respeito, o objetivo específico, não deve ser necessariamente a vitória, mas sim a superação de níveis anteriores de apropriação do aprendizado.

Relevando tais considerações, Pacheco (2009), cita alguns modelos de condutas de treinadores, possíveis de serem encontradas: treinadores mais passionais do que racionais; treinadores que assumem as vitórias, as hipervalorizam e isentam-se nas derrotas; treinadores autoritários e extremamente competitivos; treinadores educadores; entre outros.

Em conformidade ou não com este conjunto de condutas identificáveis, sendo elas certas ou erradas, isoladas ou conjuntas, segundo John Wooden, renomado treinador de basquetebol norte-americano, citado por Daiuto (1981), algumas aptidões devem ser pertinentes ao treinador: trabalho, entusiasmo, senso de justiça, autocontrole, honestidade e sinceridade, paciência, atenção aos detalhes, e integridade moral.

Somando-se, algumas características, funções e/ou ações, além das já citadas e/ou comentadas anteriormente, devem ser incorporadas ao trabalho do treinador. Encontra-se sobretudo em Daiuto (1981), um grande defensor não apenas da capacitação do profissional, mas também, da sua sensibilidade ao desenvolver uma atividade com praticantes infanto-juvenis e de liderar indivíduos e equipes em prol de um bem comum e de um aprendizado que considera e releva, mas também, ultrapassa o esportivo.

Por fim, mas obviamente não menos importante, Adelino et al (2002, p. 23, trazem algumas características desejadas nos treinadores, por praticantes infanto-juvenis. Os autores, dessa forma, identificaram que os jovens desejam que os treinadores

“sejam organizados e evidenciem esta qualidade na estruturação das sessões de treinos; saibam explicar e demonstrar; vejam os erros e saibam corrigi-los; sejam afáveis, mas firmes; sejam imparciais e justos; distribuam a sua atenção por todos, incluindo os mais fracos; definam claramente as regras de funcionamento do grupo e sejam persistentes na sua aplicação; sejam pacientes; inspirem confiança; sejam calmos e evidenciem domínio de si; estabeleçam relações individualizadas/personalizadas”.

Consideradas tais características possíveis de serem identificadas nos treinadores de basquetebol de base, cabe a cada um, identificar os diferentes cenários de atuação, bem como realizar as distinções e adaptações laborais necessárias, estabelecendo os objetivos adequados, as prioridades e as metodologias mais aplicáveis (OLIVEIRA, 2004).

Qual a missão do treinador

Bernardinho (2007, p. 166), traz que o objetivo principal de um treinador, deve ser “(...) despertar e alimentar no jovem atleta a paixão pela atividade, pela modalidade que escolheu”.

Ou seja, o treinador de esporte de base, trabalha, antes de tudo, com a paixão, a vontade, a alegria de participação que o praticante deposita e busca na prática. Dessa forma, antes de selecionar, exigir, competir e até mesmo, ensinar, primeiramente deve estimular e incentivar a prática de cada um, sendo a mesma encaminhada para diferentes níveis, não pelo profissional, mas sim, pelas condições apresentadas pelos próprios praticantes.

Segundo, mesmo considerando-se o treinador como um profissional que atua sobretudo, com o ensino de práticas esportivas, sua relevância para a sociedade vai muito além, pois, diferentemente de outros profissionais, tem a oportunidade de desenvolver um trabalho junto aos jovens, em um ambiente que estes estão inseridos por espontânea vontade, com desejos, objetivos e sonhos a realizar.

Ainda que a função social do treinador possa ser subestimada por pais, praticantes, pelos próprios treinadores e pela sociedade em geral, este profissional constitui-se como um membro importante na formação social do jovem, propiciando uma prática saudável e educativa, aos mais e menos aptos, podendo deixar marcos duradouros, com grande significado nos praticantes (COSTA, 2010; SMOLL, 2000).

Em outras palavras, o esporte pode sim, ser utilizado como meio para outros fins, mas deve ficar claro que seu entendimento como fim em si mesmo não é errôneo, uma vez que a prática é, antes de tudo, esportiva. Errada está a visão esportiva de rendimentalizar a prática, ainda em idades infanto-juvenis. Afinal, praticantes nestas faixas etárias ainda não possuem o desenvolvimento adequado para práticas rendimentalizadas.

Como afirmam Adelino et al (2002, p. 13), os treinadores devem ter como objetivos na formação esportiva, contribuir para a formação dos jovens em todas as suas facetas; desenvolver o gosto e o hábito da prática desportiva regular; orientar as expectativas dos jovens num sentido realista; promover o seu desenvolvimento físico geral, de uma forma equilibrada e harmoniosa; garantir a aprendizagem e o aperfeiçoamento das técnicas básicas.

Dessa forma, percebe-se que a missão do treinador vai além da formação de atletas, ainda que esta esteja englobada no processo. A formação, neste caso, deve ser generalizada, oportunizando a construção de um cidadão com grande experiência social, autocontrole e criticidade, bem como a construção de um atleta preparado para chegar a níveis de rendimento ou alto-rendimento esportivos.

“(...) eis a grande medalha do treinador, o seu grande prêmio: levar o jovem atleta a desenvolver todo o seu potencial. Essa é a missão do treinador, muitas vezes de difícil, duro e doloroso entendimento pelo jovem atleta” (BERNARDINHO, 2007, p. 104).

Pensando desta maneira, o treinador buscará sempre desenvolver ao máximo as potencialidades, esportivas ou não, de cada praticante, seja ele um grande talento, ou mesmo um praticante com pouca aptidão esportiva.

Não cabe ao treinador julgar ou selecionar seus prediletos, mas sim, desenvolver ao máximo, o máximo de capacidades possíveis em cada praticante, além de estimulá-los a adotar a prática esportiva, formal ou informal, durante toda a sua vida (BÖHME, 2002; CAMPOS, 2004; DAIUTO, 1981; OLIVEIRA, 2004; PAES, 2009).

Mais do que isso, cabe também ao treinador, buscar esse jovem o quanto antes, democratizando a oferta da modalidade e oportunizando o início do processo de preparação o

mais cedo possível, respeitando tanto o momento de começar, quanto as características etárias e maturacionais de cada um durante o processo.

Considerações finais

Uma vez que os treinadores de basquetebol de base e esporte de base em geral não possuem uma formação específica e mesmo uma padronização de conhecimentos e práticas, mas ainda assim atuam em meio à sociedade, necessitam, antes, conhecer a fundo qual seu papel social.

O fazendo, poderão moldar sua intervenção de forma efetivamente a construir uma imagem social e mesmo uma auto-imagem, de profissionais com relevância social, demonstrando que, através do esporte e mais precisamente, da formação esportiva, podem fomentar a construção de uma educação social mais ampla aos praticantes, colocando-a muito acima da equivocada busca por resultados competitivos.

Ao tratar o praticante mais como um indivíduo em formação e menos como um atleta de rendimento, o treinador não estará deixando de formar este atleta e/ou uma melhor equipe, mas sim, estará dando condições de tanto atleta quanto equipe, evoluírem de maneira global, o que poderá repercutir inclusive, em melhores resultados esportivos.

Sendo assim, obviamente este estudo não tem a intenção de por um fim a discussão a respeito da intervenção de treinadores de basquetebol e esporte de base em geral, mas sim, ao menos, iniciar uma discussão sobre o tema, que tem uma abordagem científica praticamente inexistente.

Palavras-chaves: treinador; basquetebol; intervenção profissional.

Referências

- ADELINO, Jorge; Vieira, Jorge; COELHO, Olímpio. **Desporto Juvenil – pressupostos para uma prática com sucesso**. Centro de Estudos e Formação Desportiva. Lisboa, 2002.
- BERNARDINHO. **Cartas a um jovem atleta: determinação e talento: o caminho da vitória**. Ed. Elsevier. Rio de Janeiro, 2007.
- BÖHME, Maria Tereza Silveira. O talento esportivo e o processo de treinamento a longo prazo. In.: DE ROSE JUNIOR, Dante. E Colaboradores. **Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar**. Pág. 09 – 122. Artmed Editora. Porto Alegre, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. Algumas propriedades dos campos. In.: **Questões de sociologia**. Pág. 89 – 94. Marco Zero Limitada. Rio de Janeiro, 1983.
- BRACHT, Valter. Esporte, história e cultura. In.: **Esporte: história e sociedade**. In.: PRONI, Marcelo Weishaupt; LUCENA, Ricardo Figueiredo (orgs.). P. 5 – 30. Autores Associados. Campinas, 2002.
- CAMPOS, Wagner de; BRUM, Vilma Pinheiro da Cruz. **Criança no esporte**. Ed. Os Autores. Curitiba, 2004.
- CBB. Confederação Brasileira de Basketball. Disponível em: http://www.cbb.com.br/noticias/noticias_ant.asp?t=ENT, 2010.
- CONFED. Conselho Federal de Educação Física. Disponível em: <http://www.confed.org.br/extra/revistaef/show.asp?id=3470>, 2010.
- COSTA, Marco. O que aprender com o basquetebol?. Disponível em: <http://praticabasquete.blogspot.com/search/label/Marco%20Costa%20-%20Marc%C3%A>, 2010.
- DAIUTO, Moacyr. Basquetebol – manual do técnico. Ed Cia. Brasil. São Paulo, 1981.
- GALEGO, Rodrigo. **Planejando a temporada**. Disponível em: <http://praticabasquete.blogspot.com/search/label/Rodrigo%20Galego>, 2010.

JACKSON, Phil; DELEHANTY, Hugh. **Cestas Sagradas: lições espirituais de um guerreiro das quadras**. Tradução de Anna Maria Lobo. Ed. Rocco. Rio de Janeiro, 1997.

JEFFRIES, Stephen C. **O programa americano para a formação de treinadores**. Tradução: Isabel Risques. Ministério da educação – direcção geral dos desportos. Lisboa, 1987.

KEMP, Nigel H. No desporto dos jovens, os verdadeiros vencedores não são necessariamente os atletas medalhados. In.: **O melhor da revista treino desportivo**. Centro de estudos e formação desportiva. Lisboa, 2000.

LINHALES, Meily Assbú. Jogos da política, jogos do esporte: subsídios á reflexão sobre políticas públicas para o setor esportivo. In.: MARCELLINO, Nelson Carvalho (org.). **Lazer e esporte: políticas públicas**. P. 31-56. Campinas. Autores Associados, 2001.

OLIVEIRA, Valdomiro de; PAES, Roberto Rodrigues. **Ciência do basquetebol: pedagogia e metodologia da iniciação à especialização**. Ed. Midiograf. Londrina, 2004.

PACHECO, Ronaldo. **Técnico de basquetebol: vocação, preparação ou experiência?**. Disponível em: <http://praticabasquete.blogspot.com/search/label/Ronaldo%20Pacheco> , 2010.

PAES, Roberto Rodrigues; MONTAGNER, Paulo Cesar; FERREIRA, Henrique Barcelos. **Pedagogia do esporte – iniciação e treinamento em basquetebol**. Ed Guanabara Koogan. Rio de Janeiro, 2009.

SMOLL, Frank L. **A comunicação do treinador com os pais dos atletas**. Tradução: Jorge Adelino. Centro de estudos e formação desportiva. Lisboa, 2000.

CONTATO:

Felipe Canan
Rua Arthur Mohr, 275, Portão. CEP 81070-040, Curitiba, PR.
Tel: (41) 8811-7498
E-mail: felipe.canan@gmail.com .